

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A crônica esportiva e os indícios de racismo na sociedade brasileira da década de 1950.

Miguel A. de Freitas Jr.

Cita:

Miguel A. de Freitas Jr (2009). *A crônica esportiva e os indícios de racismo na sociedade brasileira da década de 1950*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1908>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A crônica esportiva e os indícios de racismo na sociedade brasileira

da década de 1950

Prof. Dr. Miguel A. de Freitas Jr

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade

O futebol é um tema que apresenta de maneira sutil, muito dos fracassos, realizações, sonhos e frustrações de uma parcela da sociedade brasileira. Analisar a forma com que as crônicas produzidas pelo *Jornal dos Sports*,¹ na década de 1950, representam a relação entre a sociedade e os jogadores negros/mestiços é uma tarefa bastante instigante, principalmente porque elas fornecem indícios do drama vivido pelos próprios literatos ao tratar de indivíduos que não eram socialmente rejeitados, mas que também não estavam incorporados na sociedade.

Este fato é bastante significativo, pois ele acontece em uma sociedade que era vista no exterior como um local em que imperava a “Democracia Racial”. Mesmo não tendo utilizado explicitamente esta terminologia em seus escritos, Gilberto Freyre foi um dos autores que mais influenciou na criação desta imagem sobre o Brasil.² Tamanha foi a relevância desta representação

¹ É um jornal dos primeiros jornais do Brasil a tratar especificamente de assuntos esportivos. Foi criado no Rio de Janeiro com o nome de *Rio Sportivo*. Administrado por Argemiro Bulcão, que após meses a frente do jornal, visualizou uma possibilidade de ampliar e fortalecer a imprensa esportiva. Por volta de 1930, Argemiro propôs parceria a Ozéas Mota, dono das oficinas onde eram impressos os jornais. Eles lançaram então o *Jornal dos Sports*, ficando com ele até 1936, momento em que Mário Filho e Roberto Marinho, tornaram-se proprietários deste Jornal. Cf. *Jornal dos Sports. Uma seqüência para a história*. Disponível em: <<http://www.jsports.com.br/superman/js/história.html>>. Acesso em 15 jun. 2006

² FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Maia e Schimdt, 1933. Vale a pena ressaltar a importância que Rüdiger Bilden teve no desenvolvimento intelectual de Gilberto Freyre, inclusive foi Bilden que estudou o Brasil e o chamou de Laboratório

que o Brasil acabou sendo escolhido pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) como um laboratório para desenvolver um projeto de análise das questões raciais, o qual tinha entre os seus objetivos a tentativa de encontrar respostas à crise social gerada a partir do holocausto.³ É o que demonstra o discurso proferido pelo chefe da Divisão de Estudo dos Problemas Raciais, Alfred Metraux:

Um dos dogmas básicos do racionalismo é que homens de diferentes raças não podem misturar-se sem condenar-se a decadência moral e física (...) se pudermos mostrar, por um ou mais exemplos concretos, que este argumento, ou mais precisamente este credo é falso, as injustiças e sofrimento que as políticas de segregação infligem aos seus membros da assim chamada raça inferior, não poderão se justificar.⁴

Muitas das interpretações realizadas sobre a sociedade brasileira, até a década de 50, reproduzem consciente ou inconscientemente parte dos argumentos sistematizados e apresentados por esse autor, servindo como fomento para o inesgotável debate sobre as teorias raciais no Brasil.⁵ Freyre defendeu a tese de que o problema do país estava relacionado às disparidades sociais e culturais, mas não com a cor da pele. Na sua concepção, a singularidade brasileira se apresentava na convivência harmoniosa entre as diferentes raças. Algo expresso por meio da miscigenação que, para ele, era um dos principais símbolos da identidade brasileira.⁶

Diferentemente de grande parte da intelectualidade local, que tinha vergonha da cor e da raça que compunham o povo brasileiro, Gilberto Freyre, transformou essas características negativas em elementos positivos de distinção. Utilizando-se de um discurso romântico, destacou as virtudes resultantes das relações estabelecidas entre raças diferentes, as quais se tornavam mais efusivas na prática do futebol:

da Civilização, em um artigo que ele publicou para a Revista de Nation em 1929. Sobre este autor e a biografia intelectual de Freyre, vale a pena conferir BURKE, Maria Lúcia Pallares. **Sobre Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos**. São Paulo: UNESP, 2005.

³ A este respeito vale a pena cf. MAIO, Marcos Chor. **A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. IUPERJ, 1997.

⁴ HEGEN, Kenneth W. Race reations in the United States and american cultural and informational programs. 1957 – 1966. www.archives.gov/publications/prologue/1999/winter/us-and-ghana-1957-1966. Acesso em 16 de junho de 2007.

⁵ Além das fontes selecionadas para este estudo, as quais apontam influências diretas do pensamento de Gilberto Freyre sobre os literatos, pode-se destacar algumas análises contemporâneas que corroboram com este posicionamento. CAPRARO, André Mendes. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. 2007. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com o brasileiro não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004. Antunes SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mario Filho**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. HOLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

⁶ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos Anos 30**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1934.

Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, tem alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.⁷

De acordo com Freyre, qualquer objeto que fosse importado (pode-se incluir o futebol) seria adaptado no Brasil, pela nossa cultura híbrida, o que deveria ser considerado a essência da nossa identidade. O valor da cultura brasileira, para esse autor, está na relação estabelecida com os antagonismos sociais – como razão e irracionalidade, primitivo e civilizado, escravo e senhor, brancos e negros –, pois é a partir dessa convivência tensa, porém harmoniosa, que se criou a riqueza da cultura brasileira, o que o escritor sintetizou na figura do mulato.⁸

As suas crônicas mostram que, ante a rigidez corporal do europeu, o negro brasileiro havia introduzido o meneio dos corpos. Este, por sua vez, não seria uma criação do futebol. A agilidade física descendia diretamente das manifestações da música popular e do folclore; sejam os requebros de quadril originários do carnaval, os passos sinuosos advindos do samba e a ginga de esquiva proveniente da capoeira. Nesse sentido, a legitimidade do futebol na cultura brasileira se amparava na música, um elemento já consolidado como critério de brasilidade.

É importante destacar que esse autor não coloca tais elementos, aparentemente contraditórios, como categorias excludentes, uma vez que, para ele, a diferença da sociedade brasileira está na maleabilidade, na adequação das diferentes situações, de maneira que se tornou possível uma convivência harmoniosa. Tal reflexão colaborou para a criação de um mito, em que as tensões foram substituídas por relações pacíficas, levando a uma visão idílica da realidade, através da qual foi possível acreditar que não havia racismo no Brasil, mesmo que Freyre jamais tenha afirmado isso.

O escritor de “Casa Grande & Senzala” foi um intelectual perspicaz, capaz de atribuir grande carga simbólica aos acontecimentos praticamente insignificantes para a sociedade da época (início do século XX). O futebol pode ser visto como um exemplo dessa situação, pois, ao tratar desse objeto, ele destacava a atuação dos jogadores, colocando em segundo plano o resultado das partidas. A estratégia lhe possibilitou criar um imaginário em torno de um jogo bonito e artístico,

⁷ Freyre, Gilberto. Foot-Ball mulato. **Diário de Pernambuco**. Pernambuco, 17 junho de 1938, s/p.

⁸ _____. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

que se tornou a identidade do futebol brasileiro, visto como uma adaptação do jogo feio e mecânico apresentado pelos europeus:

De maneira inconfundível formou-se um estilo brasileiro de futebol; e esse estilo é uma nova expressão da nossa mulatice, perito em assimilação, domínio e abrandamento coreógrafo sinuoso e musical das técnicas européias e norte-americanas, que são muito angulosas para o nosso gosto – trata-se de técnicas de jogo ou de arquitetura. Pois nosso tipo de mulatice [...] é inimigo do formalismo apolíneo, é o dionisiaco na sua mobilidade. [...] No futebol, como na política, a mulatice brasileira caracteriza-se pelo prazer da elasticidade, da surpresa, da retórica, que lembra passos de dança e fintas de capoeira.⁹

A sua estratégia de valorizar as qualidades do jogador e/ou do país, independente do resultado da partida, foi reutilizada na década de 1950 por cronistas como Nelson Rodrigues e Mario Filho. Uma leitura mais cuidadosa das crônicas do *Jornal dos Sports*, durante a década de 50, revela a influência do pensamento de Gilberto Freyre, principalmente na forma reiterada, pela qual os autores representavam a identidade brasileira, a partir da miscigenação; da valorização de qualidades vistas como naturais nos jogadores, tais como o improvisado, a ginga e a malícia; e da diferenciação do futebol brasileiro enquanto arte e o futebol europeu baseado na força. É o que relata Nelson Rodrigues ao tratar do assunto:

E há também um recurso, que trazemos no bolso, e que parece de primeiríssima ordem. Refiro-me a inimitável molecagem carioca [...] a molecagem é uma das nossas manifestações vitais mais esplêndidas e fidedignas. Insisto: boas maneiras num patricio meu, soam-me como falsificação de caricatura.¹⁰

Se para os cronistas esportivos, que embebedos em Freyre mostravam o futebol *flamboyant* como resultado da síntese cultural entre as diferentes raças, não podemos ignorar o fato de que havia por parte da elite dirigente uma preocupação em torno da forma com que o Brasil seria representado, principalmente porque grande parte dos jogadores locais apresentava vários problemas de saúde, baixo nível cultural e uma estética que não correspondia com o padrão elitista desejado. Fatos estes que foram significativos para que em 1958 a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) criasse um projeto intervencionista para a estrutura do futebol brasileiro.

De acordo com as representações estabelecidas pelos cronistas do periódico carioca, o atleta negro brasileiro precisava vencer a Copa do Mundo para se afirmar definitivamente na sociedade.

⁹ FREYRE, Gilberto. **Sociologia**. Rio de Janeiro, 1945.p. 421-422.

¹⁰ RODRIGUES, Nelson Falcão. É necessário gingar. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1958.

No mesmo sentido, eles acreditavam que o Brasil precisava conquistar o título mundial para ser reconhecido pelas nações mais desenvolvidas. Como nas duas primeiras Copas realizadas na década de 50, isso não foi possível, o sonho foi adiado, embora não esquecido, sendo constantemente atualizado por meio da criação de mitos que, normalmente, envolviam a questão racial em torno do selecionado brasileiro. Principalmente, em seus momentos de crise, que normalmente eram decorrentes de derrotas acontecidas em jogos decisivos.

Tamanha foi a receptividade junto à sociedade brasileira do discurso produzido pelos cronistas, que este acabou entrando para o imaginário coletivo como uma das principais formas de representar o país. A título de exemplificação, pode-se destacar a derrota do selecionado brasileiro para o uruguaio, na final da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil. Com base nisso, criou-se um mito de inferioridade, assumido pelo brasileiro ao enfrentar equipes estrangeiras. Para autores como Nelson Rodrigues, isso poderia ser expandido para todos os outros setores da vida social brasileira.¹¹ A força dessa representação pode ser visualizada por meio das crônicas futuras, escritas por diferentes autores, que, de forma sistemática, retornavam ao fato para justificar e prevenir quanto às atitudes a serem tomadas pelos brasileiros. Serviam como uma espécie de alerta sobre os problemas sociais, culturais e psicológicos que acompanhavam o povo brasileiro e que, supostamente, impediam o país de superar os obstáculos que o levariam a modernidade.

Ao observarmos o *Jornal dos Sports* durante todo o segundo semestre de 1950, não localizamos nenhuma crônica que fornecesse qualquer indício de acusações raciais para os jogadores do selecionado nacional. Diferente do que relatou Mario Filho na segunda edição do seu livro “O Negro no Futebol Brasileiro” ao mostrar que após a final da Copa do Mundo de 1950 os atletas negros foram considerados culpados. Além de não indicar quem teria feito tais acusações, as frases deste autor são compostas de grande carga simbólica, em especial pelo cenário antecipadamente construído, para, em seguida, apresentar frases genericamente atribuídas a torcedores e cidadãos brasileiros. Como podemos observar nas seguintes passagens:

- ... Uns acusavam Flávio Costa. Mas quase todos se viravam era contra os pretos do escrete.
- O culpado foi Bigode!
- O culpado foi Barbosa!¹²

Em outro momento o autor acrescenta que os brasileiros acusavam os próprios brasileiros, dizendo:

- A verdade é que somos uma sub-raça.

¹¹ RODRIGUES, Nelson. Complexo de Vira-latas. In: _____. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 51.

¹² RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1964. p.289.

Uma raça de mestiços. Uma raça inferior. Na hora de agüentar o pior a gente se borrava todo. Como Barbosa quando estreara no escrete brasileiro.

- Enquanto dependermos do negro vai ser assim...

Era o que dava, segundo os racistas que apareciam aos montes, botar mais mulatos e pretos do que brancos num escrete brasileiro. Mas ao mesmo tempo que se observava esse recrudescimento de racismo, o brasileiro escolhia um ídolo às avessas. Obdúlio Varela, mulato uruguaio, de cabelo ruim.¹³

Mario Filho era um escritor astuto, que tinha grande capacidade de perceber e sintetizar o que acontecia a sua volta. A partir disso, ele buscava convencer/seduzir o leitor com base na sua produção imagética, que já havia sido demonstrada ao longo de sua vida jornalística e, também, na produção dos seus livros.¹⁴ Nesse sentido, é possível encontrar indícios que apontam para a forma passional com que o autor retratou os acontecimentos esportivos, criando mitos e influenciando o imaginário coletivo.

A força das palavras de Mario Filho pode ser percebida na fala do próprio goleiro da seleção de 1950, um dos protagonistas do mito construído pelo cronista carioca, em torno da influência dos negros na fatídica derrota sofrida na partida final da Copa do Mundo. Ao comentar sobre o acontecimento, o ex-goleiro do selecionado nacional relata que:

Disseram que o Obdúlio Varela tinha dado um tapa em Bigode. É conversa, é mentira, é invenção. Uma vez me disseram que quem inventou foi o Mário Filho. Aliás, contestei, o que Mário Filho escreveu: que trememos porque éramos pretos. Mário Filho apenas constata que a culpa foi jogada nos jogadores negros, não os acusa.¹⁵

Barbosa também estava convencido de que Mario Filho, apenas apresentou o que outras pessoas haviam dito e somente procurou defender os jogadores negros. Mario Filho criou um enredo romântico em torno da presença do negro no futebol, denunciando a presença do racismo na sociedade brasileira. Esta desconfiança dos jogadores negros, volta a se repetir em 1954, após o Brasil perder para a seleção húngara, no jogo que ficou conhecido como “A Batalha de Berna”.

Os discursos emitidos por intelectuais, como João Lyra Filho, que atuou diretamente como dirigente do selecionado brasileiro, demonstram que diferente do que desejava Mario Filho e alguns

¹³ Ibid, p.290.

¹⁴ SOARES, Antonio Jorge. Futebol, raça e nacionalidade no Brasil – releitura da história oficial. Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho.

¹⁵ BARBOSA. In: MORAES NETO, Geneton. Op cit. p.49-50.

dos seus amigos do *Jornal dos Sports*, o negro/mestiço não era considerado um indivíduo apto a representar o Brasil moderno.

Após esse mundial, Lyra Filho escreveu para a CBD um relatório sobre os principais motivos que teriam levado o selecionado nacional a apresentar um novo resultado negativo. Alguns meses depois, esse relatório foi transformado em livro, sob o título *Copa do Mundo de 1954*.¹⁶ A observação das justificativas atribuídas por esse membro da elite local indica que o problema do futebol brasileiro não estava na questão técnica e tática, mas na cultura do povo deste país:

O sistema nervoso que trabalhou aqueles momentos inaugurais do jogo, denunciado no estado de ânimo dos nossos rapazes, não é privativo dos jogadores brasileiros de futebol, é comum à maior parte do povo brasileiro... não se culpe a preparação psicológica dos brasileiros, mesmo à sombra do Hino ou da Bandeira, por um mal que tem raízes na formação e perdura no estado orgânico e funcional do nosso povo. Só o poder de evasão do espírito, quando densamente cultivado, é capaz de atenuar os efeitos dos males crônicos.¹⁷

O discurso se refere ao jogo Brasil X Hungria, no qual o selecionado nacional tomou dois gols nos primeiros quinze minutos, fato relacionado a um sentimento derrotista que fazia parte da cultura brasileira. Essa visão é semelhante à atribuída por Mario Filho, ao falar sobre o *Complexo de ser brasileiro*, conceito que ganhou maior relevância quando Nelson Rodrigues atribuiu uma nova imagem, identificando esse comportamento como *Complexo de Vira-latas*. O ponto em comum entre esses intelectuais é o sentimento derrotista relativo ao caráter do homem brasileiro, principalmente quando diante do estrangeiro.

Para Lyra Filho, tal situação não era decorrente de problemas psicológicos. Subliminarmente, o autor demonstra que a dificuldade era decorrente da formação mestiça do Brasil. Segundo Lyra Filho, os problemas nacionais só seriam resolvidos “quando o Brasil amadurecer, adensar o conteúdo social dos seus redutos econômicos mais fecundos e, em consequência, ainda mais valorizar a cultura do seu povo”.¹⁸

O próprio autor apresenta o seu entendimento de cultura como sendo “a aquisição individual de conhecimento armazenado para uso próprio, a cultura é sociologicamente a incorporação à comunidade com acréscimos contínuos, de bens econômicos e morais que

¹⁶ LYRA FILHO, João. **Taça do Mundo de 1954**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954.

¹⁷ Ibid. p.55

¹⁸ LYRA FILHO, Op cit.1973. p. 67-68.

valorizam a vida de todos os seus componentes”.¹⁹ Ele destaca a necessidade de uma melhor formação intelectual aos jogadores de futebol, pois, na sua concepção, a grande maioria dos atletas era praticamente analfabeta.

Situação justificada a partir da apresentação de uma série de bilhetes supostamente escritos pelos jogadores do selecionado, que participaram da Copa do Mundo de 1954, os quais Lyra Filho apresenta no seu livro como exemplos da falta de formação educacional e cultura dos representantes brasileiros: 1) *Quero **deixar** neste livro o meu **agradecimento** em ser chefiado sobe vosso comando;* 2) ***Deijo** aqui meu **abrasso**;* 3) *Agradecendo as oras, **menutos** e os **cegundos**.*²⁰ Na visão desse intelectual, a prática esportiva exigia um mínimo de educação formal, o que fica evidenciado em suas ações enquanto presidente do CND, quando propôs a não contratação de jogadores que não soubessem ler nem escrever.²¹

De acordo com esse dirigente, o grau de autocontrole dos jogadores estava relacionado à atmosfera em que estes foram criados, ao processo educacional que os envolveu, aos problemas de saúde pelos quais passaram e às dificuldades econômicas que afetavam o desenvolvimento da vida de grande parte da população do país.²² João Lyra Filho apresentou a visão de um membro da elite intelectual brasileira que, mesmo envolvido com o gerenciamento do futebol, não apresentou uma visão romântica dos acontecimentos, expressando um discurso que indica a necessidade de reformulação da estrutura social, cultural e esportiva brasileira. A questão central parece ter sido a dificuldade de integrar à sociedade pessoas negras e, também, as de origem humilde, o que era visto pela elite dirigente como ameaça de retrocesso, revelando uma grande distância entre a produção literária esportiva e a produção intelectual da elite brasileira.

Após observar os vários fatores que influenciaram negativamente os jogadores e a imagem do Brasil nas Copas do Mundo de 1950 e 1954, um grupo de jornalistas e dirigentes esportivos, escolhidos pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), recebeu a incumbência de criar um Projeto Modernizador para o selecionado nacional, que representaria o país na Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Em última instância, pode-se dizer que as elites locais estavam envergonhadas por serem representadas pelos negros/mulatos, incultos, desdentados e com grandes dificuldades de autocontrole em situações de adversidade.

Não se trata de um projeto voltado para a conscientização dos jogadores, mas uma tentativa de educá-los, por meio de um planejamento de cunho pedagógico, que buscou modificar a aparência física, os hábitos culturais e o comportamento dos jogadores brasileiros, de maneira que

¹⁹ Ibid. p.103.

²⁰ LYRA FILHO, João. Op cit. 1954. p.66.

²¹ LYRA FILHO, João. Op cit. 1973b. p. 102.

²² Ibid.p.93.

eles conseguissem representar a imagem de um país moderno, que havia superado o atraso sócio-cultural – normalmente atribuído a mitos como a mistura de raças e a falta de autocontrole do homem brasileiro.²³

Aqui, o esporte brasileiro acompanha uma cultura política baseada no desenvolvimentismo proposto por JK, que influenciava e contagiava positivamente os diferentes segmentos da sociedade brasileira. A ideia de desenvolvimento econômico, embora mais ampla, estava associada à ideia de riqueza nacional construída pela industrialização: nação desenvolvida era, necessariamente, nação industrializada. Para que isso ocorresse, se fazia necessário criar um homem maior que a natureza, livre de suas determinações. Se a natureza tem lógica própria, vencê-la implica impor a lógica do homem, aquela que lhe permite, pelo trabalho, pela técnica e pela previsão, acumular transpondo a condição de pobreza que a natureza supõe.²⁴

O planejamento da CBD caminha nessa mesma linha, buscando fazer com que os jogadores suplantassem aquilo que os dirigentes consideravam um comportamento natural. Por isso, “O relatório de Havelange não deixava dúvidas – Quem não se ajustasse ao programa que fizemos com a ajuda de médicos e psicólogos seria cortado da seleção. Só iria para a Copa da Suécia quem estivesse mentalmente preparado”.²⁵

Mario Filho descreveu estes acontecimentos da seguinte forma:

[...] A CBD queria levar o menor número de pretos para a Suécia. Não esqueceram 56, o relatório de Flávio Costa aconselhando, por causa do preto Sabará, a convocação só de jogador que, pelo menos, soubesse vestir-se e sentar-se a uma mesa. Daí a preocupação de um escrete, senão branco, o menos preto possível. Ainda se discutia a deterioração do mulato, mais do mulato do que do preto, em clima nórdico. Portanto a preocupação da CBD não era racista: ela acreditava mais no branco para jogar no frio, embora a época do campeonato do mundo caísse no verão sueco. A prova do não-racismo está na convocação dos mulatos e pretos que acabaram jogando e contribuindo, decisivamente, para a vitória brasileira.[...] A preocupação em embranquecer o escrete chegou a tal ponto que na estréia contra a Áustria o único preto foi Didi. Era uma posição, a de Didi, em que não havia escolha. O reserva era outro preto: Moacir. Onde se podia escolher entre um branco e um preto ficava-se inicialmente com o branco.²⁶

²³ No próximo capítulo está localizada uma discussão mais detalhada sobre este planejamento.

²⁴ GOMES, Angela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2002. p. 17-22.

²⁵ RODRIGUES, Ernesto. Op cit. p.63

²⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. Op cit. p.322-323.

Essas palavras de Mario Filho foram escritas após a vitória do selecionado brasileiro na Copa do Mundo da Suécia. Logo, trata-se de um olhar retrospectivo, no qual o autor aponta uma questão de preferência e maior confiança nos jogadores brancos. Se observada a seleção que iniciou a Copa, é difícil não ser influenciado pelo discurso romântico do cronista. Algo retratado inclusive na biografia de um dos jogadores que participou daquela Copa do Mundo. Segundo Nilton Santos:

Nunca a ciência pesquisara tão fundo para descobrir o porquê do time brasileiro ter bons jogadores, mas não conseguir se superar em campo, não conquistar nenhum título mundial. Será que os nossos atletas eram covardes? Relatórios médicos foram feitos, sigilosamente, para a CBD. Chegaram a conclusão de que o problema do brasileiro estava na alma dos jogadores, que eram muito nostálgicos, sentiam muita falta de casa, da comida, principalmente os negros, que eram emocionalmente mais instáveis. Portanto, o time na estréia da Copa deveria ser o mais branco possível.²⁷

Não é possível confirmar a existência do relatório citado por Nilton Santos, da mesma forma que não é possível afirmar que a equipe brasileira, que estreou na Copa do Mundo, foi determinada a partir de questões raciais. De acordo com diversas crônicas divulgadas no *Jornal dos Sports*, bem como a autobiografia de Pelé, constata-se que este se machucou no último amistoso realizado no Brasil. Caso houvesse realmente a intenção de evitar a presença de atletas negros na equipe brasileira que iria para a Europa, o que teria levado esse atleta negro (que ainda não era o rei do futebol) a ser mantido na equipe mesmo após uma gravíssima contusão?

Os próprios cronistas do *Jornal dos Sports*, em alguns momentos, questionaram os posicionamentos raciais especulados em torno do selecionado nacional. É o que demonstra a crônica de Vargas Netto:

O Lobo estaria queimado porque dispensaram Jadir. Jadir seria bom ou muito bom. Mas, acontece que havia outros que eram ótimos. E acontece também que quem escolhia eram outros, uma comissão de pessoas conhecedoras do assunto, que a C.B. D. encarregou do trabalho. Você não vai querer, Lobo, que o excelente Jadir seja melhor que o Orlando, o companheiro de clube do Belini?! Pois Jadir também não é melhor que o pretíssimo Zózimo, apesar de ser apenas mulato claro. O seu extrema Joel deslocou Garrincha. O seu meia Moacir foi afastado do caminho pelo dr. Didi – o descendente direto do rei Salomão e da Rainha Sabá... A sua ala esquerda, com Zagalo e Dida, substituíram com muito brilho os machucados Pelé e Pepe. Oreco não teve jogo para barrar Nilton Santos. E Djalma Santos que perdeu a sua velocidade antiga e o domínio da zaga direita, por não ter mais lugar certo

²⁷ SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000. p.74.

na Portuguesa e pelo peso dos janeiros, foi substituído pelo enérgico e duro De Sordi. Que dianteiro preto poderá barrar Mazzola ou Vavá? Que guardião preto substituiria Gilmar e Castilho? Que zagueiro central de cor levará vantagens sobre Belini atualmente? Qual o médio volante que poderá superar Dino neste momento? Os atletas foram muito bem escolhidos. Na ocasião de escolher e preparar, os que partiram para a Suécia eram os que se encontravam em melhores condições físicas e técnicas.²⁸

O atleta ao qual a crônica se refere é o então zagueiro e companheiro de clube de Zagalo, Jadir Egídio de Souza. Ambos eram atletas do Flamengo na época em que foram convocados para a Copa do Mundo. É interessante que, nessa crônica há uma inversão de papéis, em que o cronista se pauta em um raciocínio que para ele era lógico e o atleta realiza uma reivindicação a partir dos seus sentimentos particulares. Cabe salientar que a biografia de Zagalo não faz menção a esse acontecimento, o que permite acreditar que este não apresentou muita relevância individual ou social no contexto em que ocorreu.

Vargas Netto aproveita a situação para demonstrar o seu apoio à comissão técnica brasileira, que, de acordo com o cronista, se amparou em parâmetros concretos para escolher os jogadores que representariam o Brasil na Suécia. Cabe, no entanto, ressaltar que o posicionamento de apoio à CBD é uma atitude destoante da grande maioria dos cronistas do *Jornal do Sports*, que a partir da rivalidade regional declararam uma verdadeira guerra contra o planejamento efetuado pelo paulista Paulo Machado de Carvalho e, conseqüentemente, contra a CBD.

É interessante perceber que em 1958 não houve por parte da CBD, aparentemente, qualquer boicote ou preferência entre jogadores negros e brancos. A comissão técnica que dirigia a equipe optou por colocar em campo os jogadores que se apresentavam em melhor condição física, técnica e tática, naquele momento. Isso pode ser melhor compreendido a partir do veto a Garrincha durante as primeiras partidas. Na biografia desse jogador, o próprio Ruy Castro justifica a sua ausência mostrando que o observador do selecionado nacional, o professor de futebol do curso de Educação Física da Universidade de São Paulo, Ernesto Santos foi para a Europa um ano antes do início da Copa do Mundo, a fim de observar os adversários do Brasil. E, durante a Copa do Mundo, ele utilizava as suas anotações para fornecer subsídios à comissão técnica sobre a melhor maneira de escalar a equipe.²⁹

Como o selecionado saiu do país de forma desacreditada, havia, por parte da comissão técnica, uma grande preocupação com o jogo de estreia:

²⁸ VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. O meu amigo Lobo. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1958. p.5.

²⁹ CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Artes. p. 153.

Por causa disso, Feola pensava em armar o time com três homens no meio-campo: Dino Sani, Didi e Zagalo. O usual, naquela época de futebol franco e ofensivo, eram dois. Mas as informações de Ernesto Santos sobre a Áustria o alarmaram e fizeram, sem querer, com que Garrincha fosse barrado. Porque, nos treinos da semana, ele se tornara titular. A Áustria fechava o meio-campo com quatro jogadores, dissera Ernesto Santos. Seria suicídio ter apenas três homens contra eles. Feola então propôs instruir Garrincha a recuar e combater pelo lado direito, como Zagalo faria pelo lado esquerdo [...] Não vai dar certo, disse Paulo Amaral. Garrincha não seguirá a sua instrução. No Botafogo, durante a preleção tática, nós o mandamos ir jogar pingue-pongue ou fazer qualquer outra coisa. É imprevisível em campo.³⁰

Zagallo nega que as mudanças tenham sido provocadas a partir de uma espécie de motim dos jogadores. Versões que circularam com insistência depois da Copa davam conta de que Didi e Nilton Santos teriam liderado a maioria do elenco, impondo alterações ao técnico Feola. Esse é o mesmo posicionamento apresentado pelo capitão da equipe de 1958 (Belini), e outros campeões mundiais também rechaçam tais relatos.³¹

Nesse mesmo sentido, vale a pena ressaltar que na partida final do mundial, quem aparece como titular na foto dos jogadores brasileiros, que se tornaram campeões do mundo, é o atleta (negro) Nilton Santos, que substituiu o zagueiro (branco) De Sordi. A substituição também foi alvo de especulação, como demonstra o repórter que entrevistou De Sordi, ao perguntar se ele ficou magoado por não jogar a partida decisiva. Em resposta, De Sordi afirma: “Paguei o preço de ter sido correto. Eu estava com um problema muscular e, se tivesse entrado em campo, poderia prejudicar a Seleção. O time ficaria com 10, porque naquela época não havia substituição”.³²

Segundo o entrevistador, De Sordi se emocionou ao falar de um acontecimento tratado por alguns cronistas da época como sinônimo de covardia. Buscamos confirmar as informações nos documentos da época, mas no *Jornal dos Sports* e na revista *Manchete Esportiva*, não conseguimos localizar nenhum comentário nesse sentido. No entanto, as declarações da própria memória desse jogador mostram que os mitos não foram estabelecidos somente para os jogadores negros, pois nesse episódio, o acusado foi um jogador branco. Pelo que vimos até aqui, a repercussão só não foi maior porque o Brasil venceu a Copa do Mundo.

No desenrolar dos jogos da Copa do Mundo, um conjunto de fatores levou Vicente Feola a fazer uma série de alterações no ataque da equipe brasileira. Os documentos analisados não

³⁰ Ibid. p. 155.

³¹ ERTHAL, Luiz Augusto & BORGES, Vanderlei. Op cit. p. 46.

³² De Sordi o titular da seleção campeão do mundo em 1958. Disponível em <www.cbfnews.com.br> Acesso em 24 de fev. de 2007.

permitem afirmações sobre os motivos que teriam feito o técnico brasileiro adotar uma nova formação para a equipe. O que fica claro é que não teria sido um único motivo, mas a somatória de fatores como: contusão dos jogadores brasileiros; o baixo desempenho da equipe nos jogos anteriores; e o perfil do próximo adversário. Nelson Rodrigues se manifesta a respeito da necessidade de mudanças na equipe brasileira, principalmente após o empate com a Inglaterra. Em uma crônica bastante sugestiva, intitulada “Como vencer a Rússia”, o autor manda o seguinte recado ao treinador brasileiro:

Naturalmente, o quadro está a merecer uns retoques. Eu que sou um dos sessenta milhões de técnicos do Brasil, trataria de incluir Garrincha. O ponta alvinegro já fez falta contra a Inglaterra. Com suas pernas tortas e fugas pânicas, havia de desmontar a metódica defesa russa. [...] Ah, se Pelé pudesse jogar! Imaginem a seguinte linha: - Garrincha, Didi, Mazzola, Pelé e Pepe. Como resistir a um ataque desses?³³

De modo profético, ou talvez apenas bem informado sobre o que estava acontecendo na Suécia, a crônica de Nelson Rodrigues escrita, na véspera da partida, apresenta antecipadamente algumas das mudanças que seriam realizadas pela comissão técnica brasileira. Como demonstram Assif e Napoleão, Garrincha entrou na ponta-direita no lugar de Joel. Dino Sani, que sofrera um estiramento, deu lugar a Zito. Mazola, que tecnicamente não atuou bem contra a Inglaterra, perdeu a posição para Vavá e Dida que estava com um problema no pé foi substituído por Pelé que havia se recuperado da lesão.³⁴

Para os cronistas do periódico carioca, era fundamental que o brasileiro conseguisse expurgar o passado, marcado pela servidão, pois só assim poderia acreditar na sua capacidade. O problema para eles não estava apenas na cor da pele, mas na humildade do brasileiro, no seu comportamento frente ao estrangeiro, nos seus sentimentos, na falta de autoconfiança:

Mas o que importa, no caso, é o seguinte: - somos um povo tão deprimido que custamos a admitir, mesmo por hipótese, o nosso triunfo no Mundial. Ora, ninguém vence por acaso. Ou por outra: Só vence aquele que se imagina capaz de vencer. E só um escrete cria para si mesmo a impossibilidade da vitória, acaba apanhando de banho. Eu diria ainda, que o triunfo, mais que um estado físico, mais que um estado técnico, mas que um estado atlético, é um estado de alma.³⁵

³³ RODRIGUES, Nelson Falcão. Como vencer a Rússia. **Jornal Última Hora**. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1958.

³⁴ ASSAF, Roberto & NAPOLEÃO, Antonio Carlos. Op cit. p. 54-55..

³⁵ RODRIGUES, Nelson Falcão. Precisa-se de uma alma imortal. Rio de Janeiro: **Jornal Última Hora**, 23 agosto de 1958.

Enquanto isso não acontecia, o preconceito contra indivíduos de cor permanecia na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o futebol era um dos poucos espaços sociais em que o negro não sofria restrições severas em função da sua cor de pele. Como vimos, aparecem alguns indícios, mas não localizamos nenhuma crônica ou qualquer outro documento que apresentasse, de maneira explícita, algum fato presente no futebol brasileiro da década de 50, que revelasse a presença de valores racistas.

Por outro lado, nas crônicas esportivas eram recorrentes as mensagens emitidas pelos literatos, como uma forma de externar o seu desejo de que o futebol fosse o meio de emancipação dos indivíduos de cor. Os cronistas buscavam vincular o sucesso do futebol a uma das formas de o negro ser aceito e, conseqüentemente, “embranquecer”. Essa situação era expressa por representações criadas para os jogadores negros, que apresentavam um bom rendimento atlético. Foi o que aconteceu com Fausto, que se tornou a *Maravilha Negra*; Leônidas Silva passou a ser chamado de *Diamante Negro*; Didi foi transformado, por Nelson Rodrigues, em um *Príncipe Etíope*; e Pelé se tornou o *Rei*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do futebol auxilia na compreensão do contraditório processo – aberto pela expansão capitalista – de inscrição da sociedade brasileira na modernidade. Alguns cronistas, por vezes, edificaram uma imagem dramatizada da angústia nacional em superar o atraso; em vencer o racismo como prova de civilização e progresso. Assim, esse esporte se apresenta como possibilidade de leitura do “caráter nacional brasileiro”, em que o fracasso de 1950 foi descrito como a evidência de um povo despreparado. Fato este que vem a se repetir em 1954, quando se chegou a acreditar que devido ao seu povo o Brasil era um país naturalmente derrotado.

Após essas derrotas, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), ao acompanhar o esforço modernizador presente no país, propôs um plano de atualização para o futebol nacional: levar para a Copa do Mundo de 1958, realizada na Suécia, uma equipe escolhida a partir de um perfil idealizado para o homem brasileiro, que tinha como referência o *ethos* de uma elite letrada³⁶, responsável por criar e aplicar tal planejamento. Acompanhando a cultura política daquele momento, quando a transformação de vários segmentos sociais ocorria de forma acelerada, buscou-se modificar a aparência física e psicológica dos atletas que iriam representar o povo brasileiro. De modo que estes refletissem a imagem idealizada em torno de um povo culto, educado

³⁶ Ethos é um termo de origem grega, que apresenta um entendimento genérico, normalmente servindo para designar o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. Neste estudo ele é entendido à partir da proposição de W. G. Summer, que o compreende como sendo a totalidade dos traços característicos pelos quais um grupo se individualiza e se diferencia dos outros.

e saudável, que serviria como exemplo bem sucedido de um país que havia superado o atraso sócio-cultural – normalmente atribuído à mistura de raças e à personalidade do homem brasileiro.

Em 1958, momento pleno de euforia do desenvolvimentismo, da construção de Brasília e das manifestações artísticas de vanguardas, o selecionado nacional deixou o país sob vaias e descrédito por parte dos torcedores.³⁷ Surpreendentemente, a seleção conquistou na Europa a sua primeira Copa do Mundo, contribuindo para a construção de um novo imaginário coletivo³⁸, que tem no governo de Juscelino Kubitschek o ápice de um modelo vitorioso de modernidade.

Contudo, diante do projeto estabelecido pela CBD, a geração literária do *Jornal dos Sports* optou em rejeitá-lo, por entender que este não correspondia aos princípios de autenticidade idealizada para o povo brasileiro. Estes agentes preferiram continuar utilizando um discurso sustentado pela valorização dos dons naturais dos jogadores, em oposição aos ideais modernizadores que, de acordo com os primeiros, eram eivados de valores europeus e desprovidos de paixão – elemento fundamental para o sucesso do futebol.

O retrato do Brasil, por meio das crônicas futebolísticas, revela, a seu modo, alguns dos grandes temas tratados pela intelectualidade brasileira, entre os quais um dos principais dilemas estava a questão racial, que influenciada pelos ideais da era escravista, a sociedade brasileira assumiu uma forma de racismo velada, mostrando que no Brasil o racismo não é uma questão doutrinária e sim Cultural. Mesmo de forma subliminar esta questão acompanhou a trajetória esportiva brasileira durante toda a década de 50, mostrando que este era um tema que incomodava a *intelligentsia* local, seja através do desejo dos cronistas ou dos preconceitos da elite.

³⁷ JORNAL DOS SPORTS. **Scratch brasileiro viaja para a Europa sob suspeita dos torcedores**. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1958. p.1-5.

³⁸ Dürkheim define o imaginário coletivo como sendo “... conjunto das crenças e dos sentidos comuns a média de membros de uma mesma sociedade, que forma um sistema determinado com vida própria”. Cf. DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 32